

Curso e concurso: rendimento na universidade e desempenho em um vestibular com cotas da UnB

PRELIMINAR

Jacques Velloso*
NESUB & FE/UnB
Julho/2006

Introdução

No primeiro vestibular com cotas da Universidade de Brasília (UnB), vários dos candidatos negros aprovados tiveram desempenho superior ao dos demais, que optaram pelo vestibular tradicional, o chamado sistema universal. Em Medicina, por exemplo, o terceiro lugar na classificação coube a uma candidata do sistema de cotas. Em Engenharia Mecatrônica, outro curso também de elevada demanda, o primeiro lugar foi ocupado por um candidato negro. Mas em geral os cotistas tiveram desempenho inferior ao dos candidatos do sistema universal, conforme se discutiu em relatório de pesquisa anterior.¹

Neste relatório de pesquisa, continuando com a comparação entre os que se inscreveram nos dois sistemas de ingresso do vestibular para o segundo semestre letivo de 2004, uma primeira pergunta de interesse é: como evoluiu o desempenho dos cotistas e não-cotistas ao longo do vestibular? Deseja-se saber como os vestibulandos cotistas se comparam aos não cotistas durante as distintas fases do exame de seleção.

No relatório anterior indicou-se que o desenho original da pesquisa previa a utilização de dados socioeconômicos sobre os vestibulandos, que teriam respondido a um questionário sociocultural por ocasião da inscrição, pois pretendia-se comparar cotistas e não-cotistas *dentro* de cada estrato social. Mas, conforme se indicou naquele relatório, os dados do questionário não se prestaram àquele desenho original, em virtude da baixa taxa de respostas. Construiu-se então um agrupamento de cursos segundo o desempenho dos aprovados no vestibular, buscando uma agregação que refletisse o prestígio social destes, o qual se associa ao nível socioeconômico dos candidatos. Posteriormente obtiveram-se dados secundários sobre a renda média familiar dos vestibulandos, o que permitiu comparar essa renda com o agrupamento realizado. Uma outra questão de interesse, portanto, é suscitada por essa nova variável: o agrupamento construído está de acordo com a renda familiar? Pode ser considerado como um indicador apropriado – embora muito aproximado – do nível socioeconômico?

* Agradeço a colaboração de Egláisa Micheline Pontes Cunha, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UnB. O estudo está sendo financiado pela Fundação Ford. As opiniões dos participantes do *workshop* realizado no Centro de Estudos Afro-Orientais, em Salvador, em junho p.p., contribuíram para corrigir deficiências nas interpretações então apresentadas, embora certamente nem todas tenham sido sanadas.

¹ Jacques Velloso, “Vestibular com cotas para negros na UnB: candidatos e aprovados nos exames”, NESUB e Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, dezembro de 2005.

Uma terceira pergunta também decorre dessa nova variável, o nível médio de renda familiar. Se antes não era possível cotejar cotistas e não-cotistas do ponto de vista socioeconômico, pois os dados necessários e confiáveis estavam disponíveis apenas para os primeiros, agora cabe indagar: como se comparam os dois segmentos quanto à renda familiar?

Duas outras questões de interesse decorrem da disponibilidade de informações sobre o rendimento dos candidatos aprovados nos cursos e disciplinas em que se matricularam, no primeiro semestre letivo de 2004. Como se comparam cotistas e não cotistas quanto a esse rendimento? Além disso, interessa também confrontar o desempenho no vestibular com o rendimento acadêmico no curso. Os estudantes negros, que em geral tiveram menor desempenho no vestibular, continuam com esse perfil durante a primeira etapa de seus estudos na universidade?

Como funciona o vestibular com cotas da UnB

Antes de prosseguir para a discussão dos resultados, convém passar em breve revista o funcionamento do vestibular com cotas para negros da UnB. A inscrição dos candidatos, feita por sistema de acesso (cotas ou universal), curso e turno, no caso dos que se auto-declaram negros depende de aceitação de comissão especificamente instituída para tal fim.² São classificados no concurso, alcançando a fase semifinal, os candidatos que obtêm pelo menos 66 pontos no chamado *escore bruto*, sejam eles do sistema universal ou das cotas.

No vestibular, os cursos são agrupados pela UnB em três grandes áreas: Humanidades, Ciências e Saúde.³ Para efeito de classificação dos candidatos, a universidade considera o chamado *argumento final (AF)*, que corresponde a um *escore padronizado e ponderado* conforme a área do candidato. Para ingresso na UnB, os candidatos são ordenados pelo AF dentro de *cada* sistema de ingresso, curso e turno. Nessa fase final, são aprovados os não-cotistas mais bem classificados na proporção de 80% das vagas de cada curso/turno; ingressam também os cotistas mais bem classificados dentro da proporção de 20% das vagas de cada curso/turno.

Evolução do desempenho durante o vestibular

Como se indicou mais acima, os candidatos do sistema universal geralmente tiveram notas maiores que a de seus colegas cotistas durante o vestibular. A observação casual dos dados sugeriu que as diferenças nesse desempenho não eram constantes, variando ao longo das distintas fases do concurso: ora a diferença entre as notas era muito grande, ora a distância entre os *escores* era bem menor. Indagou-se então como e por que ocorreria tal variação, cotejando-se os dois segmentos de vestibulandos ao longo em três momentos: o primeiro

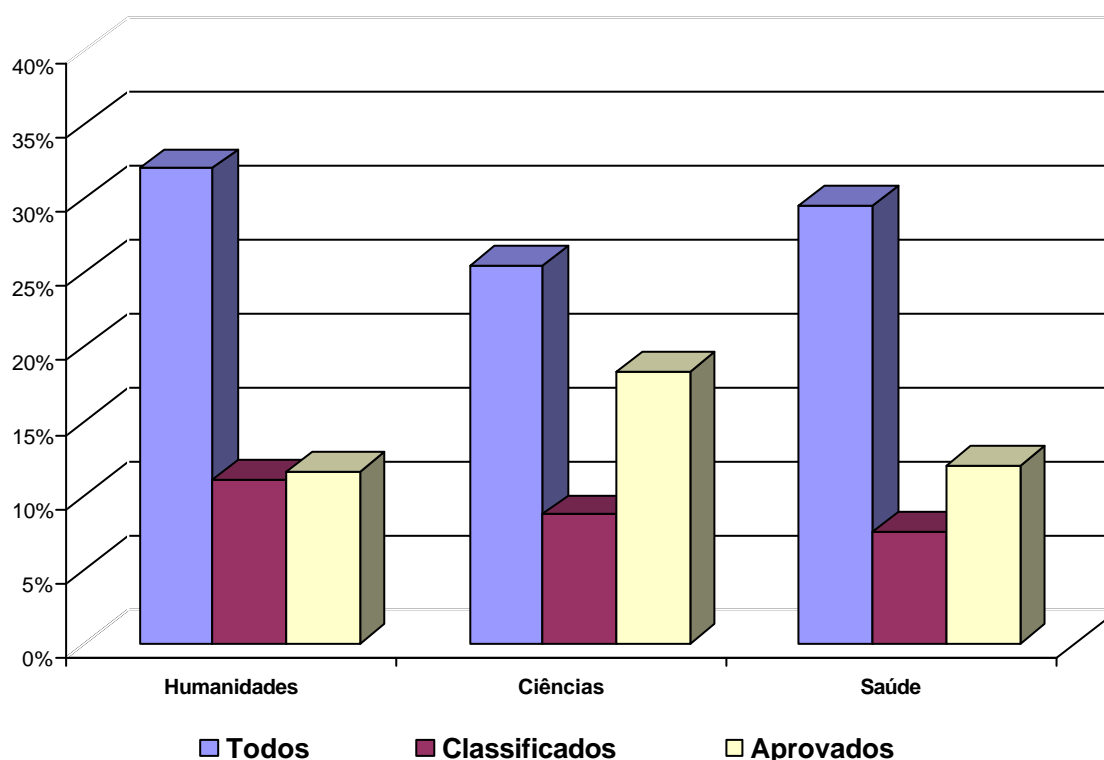
² A aceitação depende do exame de fotografia do candidato, mediante sistemática que tem sido objeto de justificadas e acerbas críticas.

³ Cumpre mencionar algumas peculiaridades dessa classificação: a Psicologia está incluída na área de Saúde; as licenciaturas estão incluídas nas respectivas áreas do bacharelado; assim, as licenciatura em Biologia, Física, Matemática, Química etc. estão incluídas na área de Ciências.

abrange todos os candidatos inscritos, inclusive aqueles que posteriormente vieram a ser eliminados, pois não alcançaram o escore mínimo de 66 pontos; o segundo compreende os que lograram um escore suficiente para chegar a classificação e, o terceiro, os que foram aprovados.⁴

Os resultados da comparação estão ilustrados no gráfico 1, no qual o primeiro conjunto de colunas se refere às diferenças nas notas entre não-cotistas e cotistas, para todos os candidatos inscritos no vestibular. Observa-se que nas três áreas há grandes diferenças entre as médias das notas dos candidatos dos dois sistemas de ingresso, sempre favorecendo os não-cotistas. Nas Humanidades, por exemplo, as notas desses vestibulandos em média foram cerca de 1/3 mais elevadas que as dos não cotistas; mesmo nas Ciências, onde as diferenças são menores, estas são de quase 25%. Mas as diferenças caem muito entre os candidatos classificados, os que chegaram à fase semifinal do concurso, da qual foram eliminados cerca de 10 mil pretendentes. Entre estes, a maior diferença – que continua sendo nas Humanidades – mal supera os 10%. Além disso, as distâncias são bem parecidas nas três áreas. Por outras palavras, quando os candidatos naturalmente se tornam mais homogêneos após a primeira triagem, diminui expressivamente a diferença no desempenho de não-cotistas e cotistas. Esse movimento descendente indica que, entre os candidatos, a distância no preparo dos cotistas e não-cotistas para o vestibular era bem maior que entre os classificados.

**Gráf. 1 - Evolução da diferença nos escores ao longo do vestibular:
não-cotistas em relação a cotistas (%)**



⁴ Inscreveram-se no vestibular para o 2º semestre letivo de 2004 cerca de 25 mil candidatos; alcançaram o escore mínimo pouco mais de 15 mil e foram aprovados quase 2000 mil.

O que significa esse movimento cadente das diferenças? De início é bom lembrar que, após uma primeira triagem de desempenho – qualquer que seja ela –, os candidatos obviamente serão mais homogêneos em termos de notas. No presente caso, trata-se de uma redução da heterogeneidade de desempenho muito maior entre cotistas que entre não-cotistas. Além disso, a proporção de candidatos negros diminui de 16% entre os inscritos para 11% entre os classificados, ao passo que a parcela dos não-cotistas aumenta. Esses dados sugerem, a princípio, que a condição de raça dos cotistas significava um preparo relativamente menor para os exames e por isso o corte entre os inscritos nesse segmento foi bem maior. A cor da pele teria forte influência nessa primeira fase dos exames, reduzindo-se na fase seguinte.

Uma explicação alternativa baseia-se nos perfis socioeconômicos dos dois segmentos de candidatos, cotistas e não-cotistas. Não se dispõem de dados suficientemente confiáveis para comparar esses perfis entre candidatos inscritos,⁵ mas os que estão disponíveis são sugestivos de marcantes diferenças, como era de esperar: apenas cerca de 20% dos cotistas tinham renda média familiar igual ou acima da mediana dos vestibulandos que se inscreveram. Boa parte do segmento dos candidatos cotistas inscritos no vestibular de 2004, então, seria de certo modo análogo àqueles grupos que, em vestibulares anteriores, eram integrados por jovens de perfil socioeconômico mais baixo, e que por isso eram eliminados em larga escala na primeira fase dos exames? Diante da conhecida associação entre cor da pele e nível social essa hipótese é plausível. Tal hipótese afirma que as grandes diferenças de rendimento registradas entre cotistas e não-cotistas, na fase inicial do vestibular, se deveriam sobretudo a diferenças de nível social e menos à cor da pele propriamente dita.

As duas hipóteses não são mutuamente exclusivas, tratando-se apenas de uma questão de ênfase.⁶ Por outras palavras, interessa saber se, na fase inicial do vestibular, os cotistas são eliminados em maior número sobretudo devido à cor da pele ou principalmente em virtude de seu nível social. Uma avaliação mais exata da intensidade relativa dos efeitos de cada um desses fatores requer dados adicionais, que permitam melhor caracterizar socialmente os candidatos, porém os resultados ora obtidos parece sugerir que ambos os fatores estão operando, e que diferenças de desempenho entre negros e não-negros, como esperado, não podem ser debitadas apenas na conta da cor da pele.

Por fim, o gráfico 1 mostra ainda que na fase seguinte à da classificação as diferenças de desempenho realizam um movimento inverso ao anterior, subindo entre os vestibulandos aprovados. Nesse movimento pendular, as distâncias entre os dois segmentos aumentam um pouco nas Humanidades e crescem muito na Saúde e nas Ciências, principalmente nesta área, onde atingem 18%. Esse movimento pendular das diferenças de desempenho, e do correlato aumento da heterogeneidade, reflete o efeito das cotas para o ingresso na universidade. Tal efeito foi bem pequeno no conjunto dos cursos das Humanidades, foi bastante pronunciado na Saúde e intenso em cursos como os das Engenharias, de Biologia, Física e Química; os candidatos mais beneficiados pelo sistema de cotas foram os que concorreram aos cursos da área de Ciências.

⁵ Foi possível obter dados sobre a nova variável renda média familiar, aludida na Introdução do presente texto, para cerca de 80% dos candidatos inscritos e classificados.

⁶ Agradeço a Peter Fry – sem comprometer-lo com a interpretação aqui apresentada – por ter chamado a atenção para a comparação dos efeitos relativos da raça e do nível socioeconômico nas diferentes fases do vestibular.

Agrupamento dos cursos e renda familiar

Diante da insuficiência das informações do questionário sociocultural, já aludida, buscou-se uma forma de agrupar os cursos que substituísse de modo aproximado as variáveis socioeconômicas que originalmente se pretendia utilizar. Após testes diversos encontrou-se um agrupamento baseado no desempenho dos aprovados e que reflete o prestígio social dos cursos, o qual, como se sabe, tem estreita associação com variáveis socioeconômicas. Na área das Humanidades, por exemplo, o grupo de alto desempenho inclui cursos como os de Arquitetura e de Direito; o de médio desempenho, cursos como Ciências Sociais e Contabilidade; o de baixo desempenho, cursos como Serviço Social e Pedagogia. Nas Ciências, no primeiro grupo há cursos como Ciência da Computação e Engenharia Mecatrônica; no segundo, como os de formação de agrônomos e estatísticos; no terceiro, como Geologia e Matemática. Na área da Saúde, Medicina é o único curso classificado como de alto desempenho; no segundo grupo estão cursos como os de formação de dentistas e psicólogos e, no terceiro, os de Educação Física e de Enfermagem.⁷

Posteriormente foi possível, a partir de dados de um censo do Distrito Federal, realizado em 2004, atribuir aos candidatos aprovados a renda média familiar de seu local de residência.⁸ Trata-se de dados de natureza macro, que não se referem individualmente à situação de renda de cada vestibulando e que portanto são bons indicadores para cada indivíduo. Mas de toda sorte permitiram testar a adequação do agrupamento de cursos adotado no estudo como um substituto aproximado do nível socioeconômico dos vestibulandos. O resultado desse teste foi positivo, como se pode observar no gráfico 2. Em todas as três áreas do conhecimento, a renda média familiar dos aprovados cai à medida que se passa dos grupos de maior para os de menor prestígio. A queda é muito pronunciada especialmente nas Humanidades, diminuindo de R\$ 4300 para R\$ 3400 entre os grupos dos extremos, indicando que nessa área a heterogeneidade de renda dos aprovados é maior que nas demais.

Realizou-se também um teste de adequação do agrupamento com a escolaridade da mãe, porém restrito apenas aos cotistas, pois mais de 90% destes responderam ao questionário sociocultural. O resultado também foi muito satisfatório, como mostra o gráfico 3. Em cada área, a proporção de cotistas aprovados cuja mãe tem nível superior acompanha o nível de desempenho dos grupos, novamente diminuindo à medida que se passa dos grupos de maior para os de menor prestígio. De modo análogo ao que se registrou para a renda familiar de todos os aprovados, entre cotistas a heterogeneidade social no interior de cada área também é maior nas Humanidades. É bem verdade que, no caso da escolaridade da mãe, as diferenças entre os extremos também são grandes na área de Saúde. Entretanto, nas Humanidades a mais elevada proporção de aprovados cuja mãe tem nível superior é cerca de 4,6 vezes maior que a mais baixa, ao passo que na Saúde essa diferença é de 4,2 vezes. Apesar a altíssima

⁷ Os procedimentos adotados para a classificação dos cursos e a relação completa de cursos em cada grupo está no relatório anterior.

⁸ As informações disponíveis sobre o local de residência no Distrito Federal e sobre a renda permitiram aplicar esse procedimento para 92% dos aprovados; já para os candidatos classificados as informações eram mais limitadas e só foi possível adotar esse procedimento em 80% dos casos.

competitividade da Medicina, a mais alta entre todos os cursos, a heterogeneidade social no interior das Humanidades ainda é maior que na Saúde.

Gráfico 2 - Agrupamento dos cursos: renda média familiar dos vestibulandos aprovados (R\$)

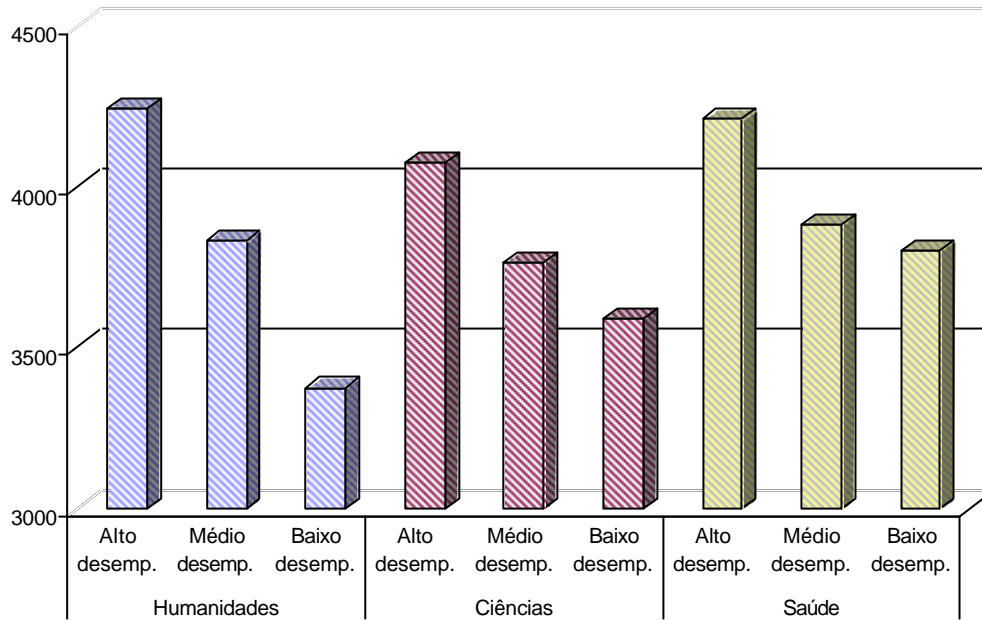
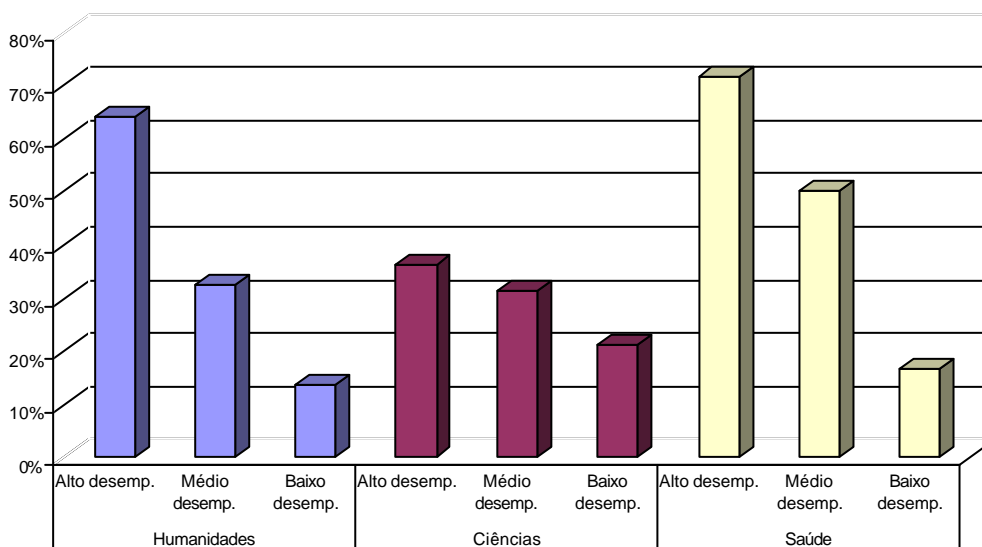


Gráfico 3 - Agrupamento dos cursos: cotistas aprovados cuja mãe tem nível superior (%)

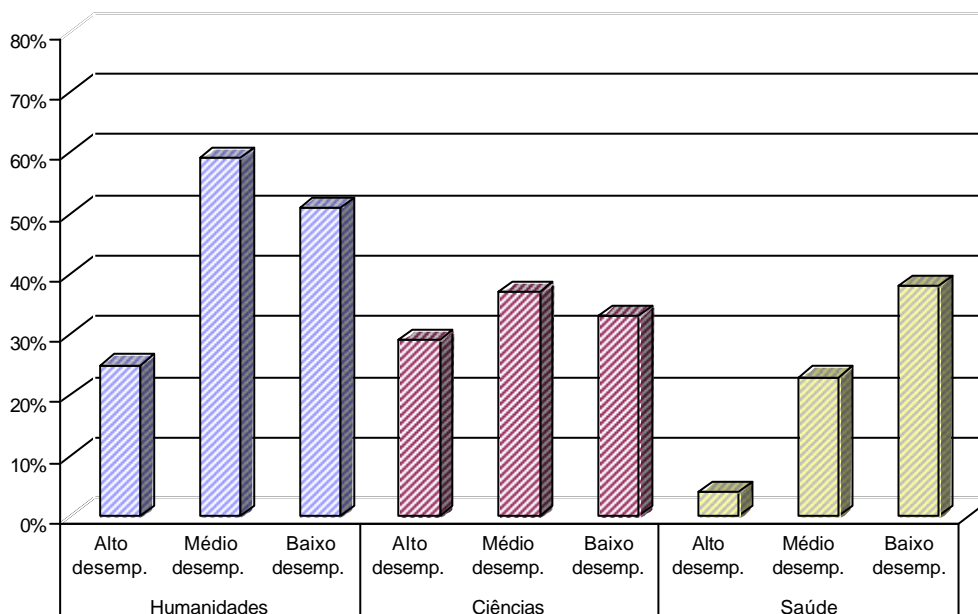


Perfil de renda dos aprovados

Na etapa anterior da pesquisa, as precárias informações socioeconômicas então disponíveis sugeriram que os cotistas se caracterizariam como uma segunda elite universitária, isto é, não teriam o mesmo perfil dos estudantes aprovados que ingressaram na UnB pelo sistema universal. Mas seriam ainda assim uma elite social. Os dados de renda média familiar permitem agora comparar os alunos que foram admitidos na universidade pelos dois sistemas de ingresso.

Conforme era previsível, o nível médio de renda média familiar dos que ingressaram pelo sistema de cotas é bem menor que o dos aprovados no sistema universal. Considerando-se as diferenças nas médias de renda de um e de outro segmento, constata-se que elas variam bastante, porém apresentam uma nítida regularidade: em cada área, são menores nos cursos mais competitivos, de maior prestígio social e que exigem melhor desempenho no vestibular. Por outras palavras, é nesses cursos que os cotistas mais se aproximam dos demais aprovados quanto à renda (gráfico 4). Na Medicina, por exemplo, a diferença na renda média familiar mal chega a 5%, enquanto na Enfermagem e na Educação Física, os cursos de menor prestígio na Saúde, ela alcança quase 40%.

Gráf. 4 - Diferenças na renda média familiar de cotistas e não-cotistas aprovados (%)



Essas diferenças se coadunam com o afinilamento socioeconômico da entrada na universidade, bem tratada na literatura pertinente. O efeito de fatores socioeconômicos no acesso à universidade é forte, entre eles a renda familiar – associada à escolaridade paterna e materna. Num vestibular com sistema de cotas para negros esses efeitos tenderiam a diluir-se um pouco, com a entrada de cotistas cujo perfil social teria níveis de renda inferiores ao dos

outros candidatos, o de fato acontece, como mostrou o gráfico 4. Apesar dessa esperada diluição, os dados são sugestivos de que nos cursos mais competitivos o efeito continua forte, reduzindo mais a diferença entre os aprovados nesses cursos que nos demais.

Rendimento no curso: cotistas e não cotistas

Tendo sido constatado, em relatório anterior, que os cotistas geralmente têm desempenho inferior ao dos não-cotistas no vestibular, interessa saber se esse padrão se repete no rendimento dos alunos. Para responder à pergunta utilizou-se o desempenho nos exames de ingresso e o índice de rendimento acadêmico (IRA) calculado pela universidade. O índice se baseia nos equivalentes numéricos das menções obtidas em cada disciplina,⁹ sendo ponderado pelo número de créditos obtidos e por eventuais trancamentos de matrícula.

Admite-se que o IRA se presta sobretudo a permitir que o aluno acompanhe seu próprio rendimento na universidade e forneça informações relevantes para seus respectivos orientadores. No âmbito da gestão acadêmica da instituição, o IRA é utilizado para a concessão de matrículas em disciplinas obrigatórias e de elevada demanda: alunos com melhor rendimento obtêm mais facilmente uma vaga que os demais colegas.

Para fins do presente estudo, o índice apresenta várias limitações quanto à sua comparabilidade. A primeira delas é a conhecida e grande diversidade de métodos e critérios de avaliação empregados pelos professores, critérios estes que frequentemente estão associados a práticas diferenciadas na atribuição de notas. Um rápido exame dos escores dos aprovados no vestibular e dos índices de rendimento acadêmico dos alunos de alguns cursos parece ser revelador. Considerem-se pares de cursos nos quais a mediana dos escores no vestibular foi idêntica ou muito semelhante. Na Arquitetura e na Economia, por exemplo, cursos do grupo de alto prestígio das Humanidades, a mediana do índice de rendimento acadêmico dos alunos daquele curso foi de 4,4 ao passo que neste foi de 3,8 pontos, quase 15% *mais baixa*, sugerindo que na Economia prevaleceriam práticas de atribuir menções menos generosas que na Arquitetura. Os exemplos se multiplicam noutras áreas e noutros cursos. Na Agronomia e na licenciatura em Física do turno noturno, cursos de médio prestígio da área de Ciências, a mediana do IRA naquele curso foi de 3,8 pontos, um valor 20% *maior* que a mediana deste. Ainda uma vez, os dados parecem sinalizar para uma diversidade nas práticas de atribuição de menções, tal como sugere também a comparação dos números para os cursos de Farmácia e de Medicina Veterinária, ambos do grupo de médio prestígio na Saúde; naquele curso, a mediana do rendimento dos alunos medido pelo IRA foi 27% maior que neste.

Uma outra limitação do IRA diz respeito à a variedade de disciplinas seguidas no sistema de créditos, no qual alunos de um curso frequentemente seguem disciplinas de outro. Se as formas e critérios de aferição do aprendizado variam entre disciplinas de um mesmo curso e, se entre departamentos por vezes prevalecem práticas diferenciadas de atribuição de notas, diferenças nestas nem sempre corresponderão a distintos níveis de efetivo

⁹ As menções e seus equivalentes numéricos, numa escala de 1 a 5, são: sem rendimento (SR) = 0; inferior/inferior (II) = 1, médio inferior (MI) = 2; médio/médio (MM) = 3; médio superior (MS) = 4; superior/superior (SS) = 5.

aproveitamento. De outra parte, quando o que se deseja é comparar níveis de rendimento sem considerar a quantidade de disciplinas cursadas, uma limitação adicional diz respeito à sistemática de apuração do índice, na qual menções são ponderadas por créditos obtidos.

Além dessas limitações, considere-se ainda que os dados sobre o IRA ora utilizados se referem somente ao rendimento dos alunos no segundo semestre letivo de 2004, ou seja, a seu primeiro semestre de estudos na universidade. Como mais adiante se pretende confrontar o desempenho no vestibular com o rendimento no curso, o mais apropriado seria dispor de informações sobre um período de estudos mais longo que um único semestre. No seu conjunto, as limitações mencionadas indicam que no presente estudo os dados do IRA teriam um caráter mais sugestivo que propriamente indicativo do rendimento na universidade.

Tendo essas limitações em mente, pergunta-se: como se compara o rendimento dos estudantes cotistas com o dos não-cotistas, em seu primeiro semestre de estudos na universidade?

No intuito de superar parcialmente uma das deficiências acima apontadas, os estudantes de *cada curso* foram agregados duas categorias, de alto e de baixo rendimento. Essa agregação foi feita para todos os estudantes que seguiram disciplinas no segundo semestre letivo de 2004, sem distinção entre sistemas de ingresso, cotas e universal. Para tanto, em *cada curso*, incluiu-se na primeira categoria os alunos cujo IRA se situa acima da mediana do curso e, na segunda, aqueles cujo índice de rendimento se situa até essa mediana. No gráfico 5, assim como nos demais gráficos mais adiante, os dados são apresentados por grupos de cursos, mas é mantida a classificação original efetuada, isto é, os alunos de alto e de baixo rendimento são aqueles que se situam nessas categorias em seus respectivos curso.

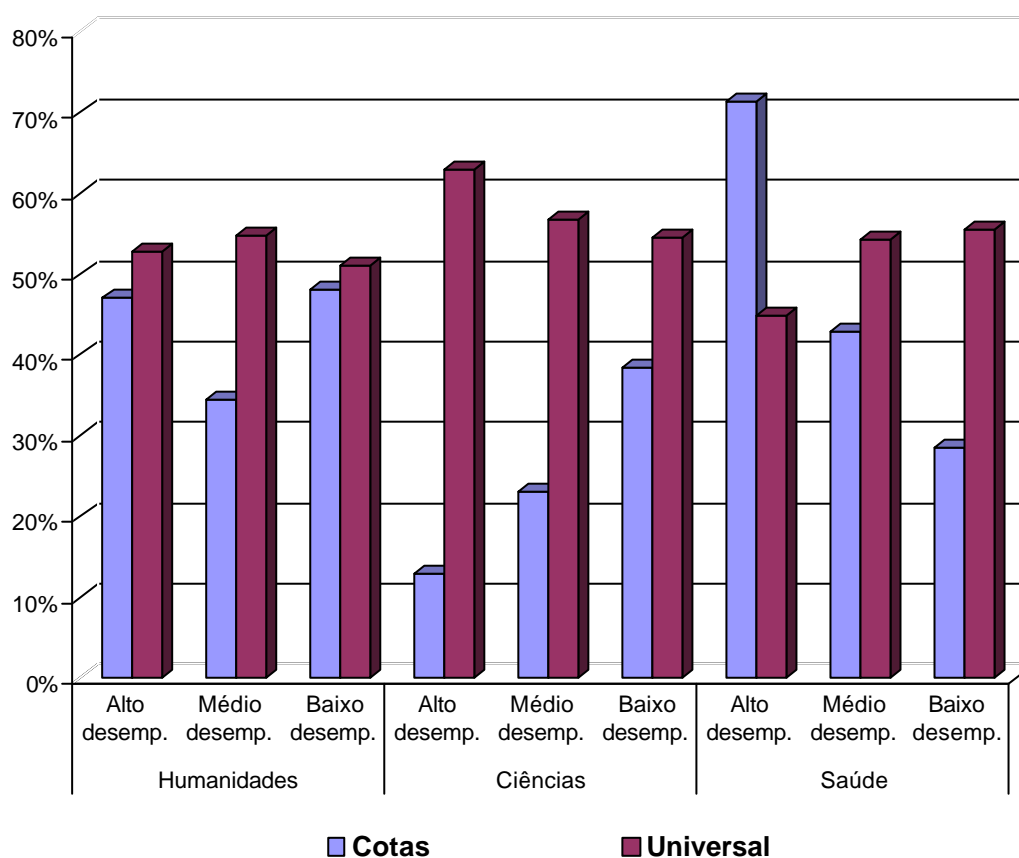
Um primeiro resultado de interesse do gráfico 5 são as proporções de cotistas com alto rendimento na universidade. Na maioria dos grupos de cursos elas são iguais ou maiores que 1/3, chegando a excepcionais 70% na Medicina. Apurações adicionais indicaram ainda que no conjunto dos estudantes da UnB que ingressaram pelo sistema de cotas, 37% tiveram alto rendimento no curso.

Considerando que a categoria IRA alto foi definida a partir do rendimento de todos os alunos de cada curso, esses são resultados dignos de destaque. Isso significa que, na maioria dos grupos de cursos, parcelas expressivas dos cotistas se situaram na metade superior do rendimento acadêmico, ao lado dos melhores alunos que entraram na Universidade pelo sistema universal. Tais resultados parecem dissipar temores, por vezes veiculados na literatura e na imprensa, de que a adoção do sistema de cotas para negros iria promover uma degradação do padrão acadêmico na universidade. No plano puramente hipotético, é até possível que o ingresso de alunos com menor preparo tenha contribuído para reduzir as exigências acadêmicas em disciplinas, embora isso seja improvável, e não se tenha notícia de evidências nesse sentido, que precisariam ser buscadas numa comparação do aproveitamento na universidade antes e depois da introdução do vestibular com cotas.

De outra parte, em quase todos os grupos de cursos, as proporções de alunos cotistas com alto rendimento são menores que as dos não-cotistas – a única exceção é a Medicina.

Entre os alunos de bom rendimento, os cotistas estão mais próximos de seus colegas do universal nas Humanidades e mais distantes nas Ciências, encontrando-se a Saúde num plano intermediário – sempre com a exceção do caso atípico da Medicina. Considerem-se os extremos daquelas duas áreas. Nos cursos de maior prestígio das Humanidades, entre os estudantes cotistas 47% obtiveram IRA alto, comparados a 53% dos alunos do universal, uma pequena diferença; já nas Ciências, em cursos do mesmo nível de prestígio, a distância foi enorme: só 13% dos cotistas tiveram um bom rendimento, ante 63% de seus colegas que não entraram pelas cotas. Uma das explicações para os perfis observados nessas duas áreas poderia residir em práticas de atribuição de menções, antes referidas.

Gráf. 5 - Estudantes com alto índice de rendimento acadêmico no curso: cotistas e não-cotistas (%)



Suponhamos, para fins de raciocínio, que nas Humanidades prevaleceriam práticas mais generosas na atribuição de menções e, nas Ciências, práticas menos generosas. Nessa hipótese, práticas mais generosas na atribuição de menções poderiam discriminar *menos* os estudantes de rendimento melhor e pior, situando a grande maioria no grupo das notas “boas”. Nessa alternativa, embora os cotistas em geral pudessem ter um aproveitamento inferior ao dos não-cotistas (dado que geralmente tiveram menor rendimento no vestibular), as diferenças de notas entre ambos os segmentos seria pequena e a média geral das notas, elevada. Como as notas variariam relativamente pouco, e a média geral seria elevada, o coeficiente de variação (desvio padrão dividido pela média) do IRA seria baixo. Na alternativa oposta, práticas de

atribuir menções menos generosas, ou mais rigorosas, poderiam discriminar *mais* os estudantes de rendimento melhor e pior, diferenciando-os bastante. Nessa alternativa, se os cotistas em geral tivessem um aproveitamento inferior ao dos não-cotistas, as distâncias entre as notas de ambos os segmentos seria grande; sendo difícil obter uma boa nota, média geral das notas seria baixa, isto é, menor que na alternativa anterior. Como as notas teriam bastante variação, e a média geral seria baixa, o coeficiente de variação do IRA seria alto.

No intuito de obter evidência preliminar para essa hipótese explicativa, examinaram-se os coeficientes de variação do IRA nos grupos de alto e médio prestígio das Humanidades e das Ciências. A hipótese não encontrou apoio na evidência. Nos cursos de elevada competitividade dessas duas áreas, o resultado foi o *inverso* do prognosticado pela hipótese: o coeficiente de variação desse grupo de curso das Humanidades foi *maior* que nas Ciências.¹⁰ Para os cursos de média competitividade, a hipótese também não se sustentou: os coeficientes foram idênticos.¹¹ Mesmo que a hipótese viesse a ser apoiada pelos dados nessas duas áreas, faltaria ainda explicar a inesperada diferença na Medicina, amplamente favorável aos cotistas. Com efeito, adequadas explicações para os perfis retratados pelo gráfico 5 demandam estudos adicionais.

Tendo em conta os resultados apresentados, poder-se-ia dizer que o perfil do rendimento na universidade seria bastante parecido ao do desempenho no vestibular, tal qual se apurou e discutiu em relatório anterior. Entre os candidatos aprovados no vestibular, em cada grupo de cursos os cotistas tinham média de escores menores que os não-cotistas. Esse tipo de resultado sugeriria que o desempenho no vestibular seria um bom preditor do rendimento na universidade.

Desempenho no vestibular e rendimento no curso

Tendo em vista os resultados discutidos na seção antecedente, e os anteriormente apurados, deseja-se saber: os estudantes que tiveram menor desempenho no vestibular em geral o terão na universidade? Os cotistas, que frequentemente se situaram em patamares inferiores nos exames de ingresso, no mais das vezes também serão encontrados em níveis de rendimento semelhantes em seus estudos universitários?

A fim de responder às questões apresentadas, os escores brutos (EB) dos candidatos aprovados no vestibular foram agrupados, em cada curso, de modo análogo ao agrupamento do índice de rendimento acadêmico. Quem obteve um escore acima da mediana do curso ao qual se candidatou, foi classificado na categoria EB alto; até a mediana, na categoria EB baixo.¹² Aliás, cabe anotar que 22% dos estudantes negros que foram aprovados situaram-se

¹⁰ Os coeficientes são, respectivamente, 0,22 e 0,18.

¹¹ Ambos os coeficientes são iguais a 0,29.

¹² Para efetuar o agrupamento dos candidatos aprovados nessas duas categorias, de desempenho alto e baixo no vestibular, poder-se-ia usar o argumento final, empregado pela UnB para classificar os candidatos a cada curso. Mas, como o argumento final é uma transformação linear do escore bruto, para os aprovados a correlação entre ambas as medidas de desempenho é praticamente igual à unidade (0,99), e os resultados com uma ou outra são os mesmos.

na categoria EB alto quando prestaram o vestibular,¹³ isto é, na metade superior do desempenho dos que ingressaram em seus respectivos cursos, cotistas ou não. Isso significa que em Ciências Sociais, por exemplo, que ofereceu 60 vagas, 30 dos aprovados tiveram EB alto e os cotistas que se situaram nesta categoria ganhariam acesso à universidade mesmo sem o sistema de cotas. Na verdade, a proporção de cotistas que ingressariam sem as cotas é muito maior, de aproximadamente 40%.¹⁴

O gráfico 6 apresenta, para os estudantes com bom desempenho no vestibular (EB alto), as proporções dos que tiveram um desempenho bom (IRA alto) e um desempenho fraco (IRA baixo) no seu curso.

Se o vestibular não é um bom prognóstico do aproveitamento na universidade, importa muito pouco se o candidato teve ou não um elevado nível de desempenho nos exames de ingresso; o rendimento no curso se deverá principalmente a fatores outros. Se a capacidade de o vestibular prever o rendimento no curso é pior, sendo nula, mesmo quando um candidato aprovado tenha obtido escores altos (categoria EB alto), as chances dele vir a se situar também na categoria IRA alto estão em torno de 50%, ou seja, são como se decorressem do acaso. Essa é exatamente a situação dos cursos de alto prestígio das Humanidades: entre os alunos que obtiveram escores altos no vestibular, somente 51% também alcançaram um bom índice de rendimento acadêmico no curso; quase metade desses estudantes (49%), que foram bons candidatos na disputa por vagas em seus cursos, lograram um rendimento apenas fraco na universidade.

Na situação oposta, se o vestibular é um adequado prognóstico do rendimento na universidade, quando o estudante teve um bom desempenho nos exames de ingresso ele terá elevadas chances de se situar na categoria IRA alto. Nessa alternativa se enquadram os cursos muito competitivos das Ciências: entre os alunos de melhor performance no vestibular, quase 70% atingiram um IRA alto e apenas 30% tiveram um rendimento fraco nos seus cursos. Nos outros cursos das Ciências os resultados são pelo menos razoáveis, do ponto de vista da capacidade preditiva do vestibular: cerca de 60% ou mais dos alunos de melhor performance nos exames de ingresso também se destacaram no rendimento acadêmico na universidade. Situação parecida é encontrada ainda no grupo de médio prestígio das Humanidades.

Nos demais grupos de cursos, os resultados revelam uma capacidade preditiva muito baixa do vestibular, quase nula. Nesses grupos, entre os alunos com melhor performance no vestibular somente 53% a 55% vieram a ter um bom desempenho na universidade.

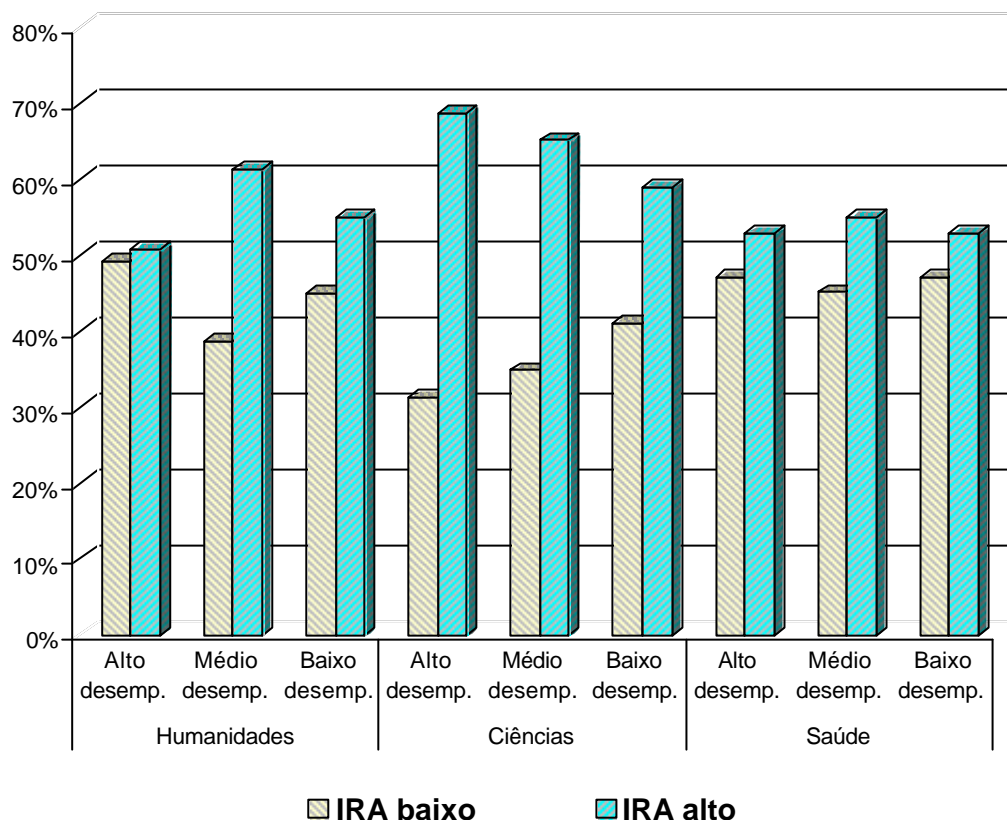
Em síntese, os dados sugerem que o vestibular seria um preditor do rendimento acadêmico, em níveis razoáveis ou até satisfatórios, em apenas quatro dos nove grupos de cursos; menos da metade do total. Note-se ainda que três desses quatro grupos são os que integram a área de Ciências. A julgar por tais resultados, o vestibular pareceria bem

¹³ Nas Humanidades, nas Ciências e na Saúde as proporções correspondentes foram: 24%, 18% e 25%, respectivamente.

¹⁴ Timothy Mulholand, Cotas para negros: rompendo barreiras, *UnB Revista*, Brasília, v. V, n. 10, set.-nov. 2004, p. 65-67.

desenhado para essa área, merecendo melhorias em sua concepção para a maioria dos outros cursos.

Gráf. 6 - Alunos com escores altos no vestibular: rendimento alto e baixo no curso (%)

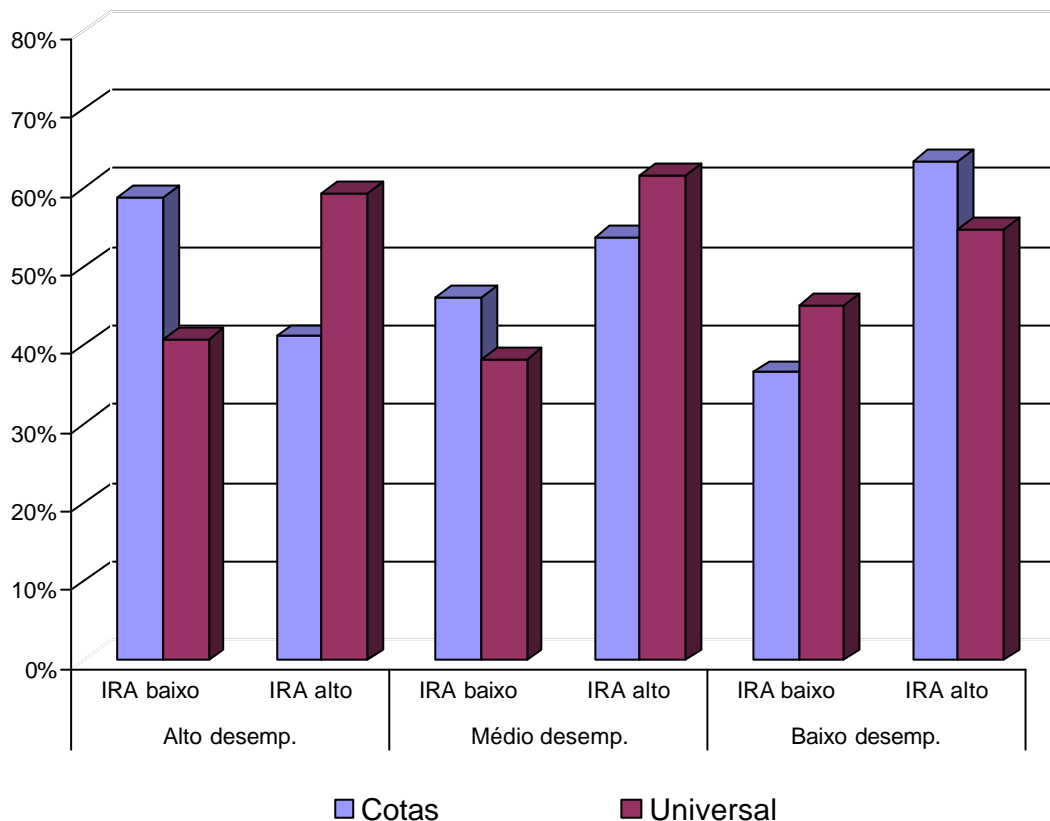


A próxima etapa da análise seria comparar o rendimento no curso com o desempenho no vestibular para os dois segmentos, cotistas e não-cotistas, em cada um dos nove grupos de cursos, como se vem fazendo. Entretanto, nesse nível de desagregação os dados não têm boa confiabilidade. Quando se consideram apenas os alunos que tiveram alto rendimento no vestibular, como no gráfico 6, e entre estes obtêm-se dados para os estudantes com alto e baixo rendimento no curso, em cada um dos dois segmentos, termina-se com uma quantidade muito pequena de estudantes em cada subcategoria. Em alguns grupos de cursos, como nos de médio e prestígio das Ciências e da Saúde, quando a desagregação é feita naquele nível desejável, entre os cotistas com escores altos no vestibular há apenas três ou quatro alunos em cada um desses grupos.¹⁵ A tentativa de trabalhar com dados nesse nível de desagregação se viu assim frustrada.

¹⁵ Note-se que nesse nível de desagregação estaríamos decompondo o total de aprovados, de quase 2 mil alunos, em 9 grupos de cursos, multiplicadas por 2 categorias de desempenho no vestibular (18 subcategorias), novamente multiplicadas por 2 categorias de rendimento no curso (36 subcategorias), para cada um dos dois segmentos, cotistas e não-cotistas. Note-se, além disso, que os cotistas correspondem a apenas 20% do total, e que entre eles são baixas as proporções dos que tiveram escores altos no vestibular ou IRA alto no curso. Com efeito, dos quase 400 cotistas, 84 tiveram escores altos no vestibular.

Como alternativa, foram criados três novos grupos para o conjunto de todos os aprovados, agregando-se os grupos originais das áreas: alto desempenho, médio desempenho e baixo desempenho. Reduzindo-se a quantidade de subcategorias aumentou-se o número de alunos em cada uma delas, obtendo-se assim dados confiáveis, como os ilustrados no gráfico 7.

Gráf. 7 - Alunos com escores altos no vestibular: rendimento alto e baixo no curso, cotistas e não-cotistas (%)



Os dados para os estudantes do gráfico 7 referem-se apenas àqueles que lograram escores altos no vestibular: todos eles se situaram na metade superior da distribuição dos escores dos que ingressaram em seus respectivos cursos. Isso se aplica tanto aos cotistas como aos não-cotistas. No caso estudantes negros aprovados no sistema de cotas, no conjunto da universidade 22% deles obtiveram escores altos, conforme antes mencionado.

Inicialmente interessa examinar os seis grupos de alunos cotistas e não-cotistas que tiveram índices de rendimento alto na universidade. Entre esses, em apenas três o vestibular se revela um razoável preditor do aproveitamento nos estudos, embora sem alcançar níveis propriamente satisfatórios. Nos cursos de elevado e médio prestígio, cerca de 60% dos alunos do sistema universal com alto desempenho no vestibular tiveram também alto rendimento no curso. Já nos cursos de baixo prestígio a situação se inverte: é entre cotistas que se encontra a maior proporção de estudantes com IRA alto, da mesma ordem de grandeza que as registradas para alunos do universal nos outros dois grupos de cursos. Esse resultado é notável,

independentemente da capacidade preditiva do vestibular: para os que foram bons candidatos, nos cursos de baixo prestígio, o bom aproveitamento na universidade está mais concentrado entre estudantes negros que foram aprovados pelo sistema de cotas que entre os aprovados pelo outro sistema.

Ainda entre cotistas, considerem-se agora estudantes com IRA baixo. Nos cursos de alto prestígio, o vestibular se revela um preditor bem equivocados, pois cerca de 60% desses alunos com boa performance nos exames de ingresso situaram-se na categoria de *baixo* rendimento em seus estudos universitários.

Em suma, a julgar pelos resultados apresentados, em geral o vestibular da UnB não permite que se faça um prognóstico adequado do futuro aproveitamento dos estudos na universidade.

Com efeito, dados para alguns cursos da área das Humanidades, por exemplo, ilustram paradoxos que contribuem para entender melhor os resultados agregados até então apresentados. Na Arquitetura e Urbanismo, pertencente ao grupo de alta competitividade, o IRA médio dos cotistas é praticamente idêntico ao dos não-cotistas. Mas nenhum cotista ingressaria nesse curso sem o sistema de reserva de vagas. Como se explicaria tal resultado? Uma primeira hipótese que ocorre é a de que o talento dos alunos cotistas teria superado deficiências de formação anteriores, mas era é pouco plausível, pois aplicável apenas ao segmento que ingressou pelas cotas. Já na Economia, do mesmo grupo de prestígio, o IRA médio dos cotistas é um pouco menor que o dos não-cotistas (cerca de 10%), mas também nesse curso nenhum cotista teria sido aprovado sem a reserva de vagas. Nesse caso o IRA poderia estar refletindo efeitos de deficiências de formação anterior – associadas à cor da pele – sobre o aprendizado. Mas restaria por explicar a pequena diferença no aprendizado aferido pelo IRA, comparada à grande diferença de desempenho no vestibular.

Já no curso de Ciências Sociais, pertencente ao grupo de médio prestígio das Humanidades, o IRA médio dos cotistas foi algo *maior* (cerca de 10%) que o dos outros alunos, enquanto no vestibular houve *superioridade* de desempenho desses outros alunos, os não-cotistas, com a mesma ordem de grandeza. Nesse caso, poder-se-ia aventar a hipótese de que o vestibular e o IRA teriam um pobre poder de discriminação, aquele quanto aos futuros estudos na universidade, e este quanto ao rendimento no curso. Mas tal hipótese não se coaduna com as anteriores. No curso noturno de Pedagogia, que integra o grupo de baixo prestígio da área, o IRA médio dos cotistas também é *maior* que o dos outros alunos, como acontece nas Ciências Sociais, mas desta feita bem maior, da ordem de 25%. No entanto os candidatos de ambos os segmentos tiveram desempenho semelhante no vestibular, pois quase todos os cotistas ingressariam sem a reserva de vagas. Embora a situação não seja idêntica à dos alunos de Ciências Sociais, caberia a mesma interpretação para esses resultados díspares, ou seja, o vestibular e o IRA teriam baixo poder de discriminação entre os mais fracos e os melhores do ponto de vista acadêmico?

Diante de tal variedade de situações não é possível encontrar uma hipótese que seja ao mesmo tempo plausível e aplicável a todas elas. Na verdade, parece que o vestibular pode discriminar bem no atacado, mas não no varejo. Supondo que os exames de ingresso

identifiquem apropriadamente aptidões e habilidades para os estudos universitários, a relação candidato/vaga estaria no cerne da questão.

Como se sabe, nos vestibulares das instituições que oferecem boa formação acadêmica ou profissional, o número de vagas é muito reduzido em relação ao dos candidatos, sendo aprovados somente os que estão bem no topo da lista de desempenho, embora com o sistema de cotas a UnB tenha promovido alterações nas condições de aprovação. Na UnB, nos cursos pouco e medianamente competitivos das Humanidades e das Ciências, ingressariam somente os candidatos que se situassem nos 10% ou 7% de melhor performance entre seus pares, respectivamente, caso o sistema de cotas não tivesse sido adotado. Ainda nessa hipótese, cursos de mesma competitividade da Saúde, os 4% melhores. Nos cursos de alto prestígio daquelas duas áreas as taxas de exclusão são parecidas ou maiores, e muito maiores no caso da Medicina, curso no qual menos de 2% dos candidatos ingressariam sem as cotas.

Quando um vestibular é realizado sem um sistema de cotas, naturalmente não é grande a diferença entre os aprovados e *parte* dos reprovados no que diz respeito à aptidão e preparo para estudos universitários. O ponto de corte que separa futuros alunos e candidatos é estabelecido em função das vagas disponíveis e não das condições intelectuais de frequentar uma universidade. Seguramente boa parcela dos reprovados teria plenas condições de seguir estudos de nível superior, não fosse o diminuto número de vagas oferecidas. Tal cenário não é novidade na literatura, mas merece ser novamente apreciado no contexto do sistema de cotas.

Na UnB, a adoção do sistema de cotas alterou o cenário esboçado, embora menos do que se imaginaria, conforme sinais antes mencionados. Apesar da introdução de tal sistema, permitindo que candidatos negros antes sem chances de ingresso viessem a ser universitários, 40% desses candidatos teriam ingressado na UnB sem o sistema de cotas, e que 22% dos cotistas aprovados se situaram na metade superior do desempenho no vestibular para seus cursos, conforme anteriormente se referiu. Observe-se ainda que, conforme se apurou para os 15 mil classificados no vestibular, cerca de 15% dos cotistas se situaram na metade superior do desempenho desses candidatos. Números como esses indicam que a introdução do novo sistema de acesso em 2004 não promoveu profundas alterações no referido panorama. Assim, que boa parte dos reprovados nos exames de ingresso, cotistas ou não, teria condições de realizar estudos universitários, não fosse o pequeno número de vagas ofertadas em cada curso. Nesse contexto, continuaria prevalecendo o papel central da relação candidato/vaga na explicação da capacidade preditiva do vestibular, ainda que com algumas qualificações, menores, atribuíveis à adoção de um sistema de cotas.

Em tal contexto, parece que um vestibular com sistema de cotas continuaria sendo um satisfatório instrumento de discriminação no atacado porém deficiente no varejo, tal como outros vestibulares, sem tal sistema. Seria satisfatório para fazer uma triagem no conjunto de milhares e milhares de candidatos que desejam ingressar na universidade, cotistas ou não, mas geralmente seria bem limitado para prognosticar, entre os aprovados, aqueles que provavelmente se sobressairiam na universidade.

Uma outra perspectiva de comparação

Os resultados discutidos até aqui mostraram que o vestibular não costuma oferecer bons prognósticos do rendimento no curso, quando este é medido pelo IRA. Mas tal índice apresenta várias deficiências como indicador do rendimento na universidade, conforme antes se discutiu. É possível, portanto, que dados de melhor qualidade conduzissem a resultados algo distintos dos aqui obtidos. Seria desejável, por exemplo, que se considerassem apenas as menções nas disciplinas, removendo-se do índice a ponderação pelos créditos obtidos.

O trabalho de Rodrigues (s.d.)¹⁶ avançou neste sentido, ao tratar sucintamente dos alunos que ingressaram pelo sistema de cotas e pelo sistema universal no segundo vestibular de 2004, pois considerou os equivalentes numéricos das *menções* obtidas nas dez disciplinas com maior número de matrículas, em vez de utilizar o IRA. Em sua análise, a autora ainda excluiu os estudantes que tiveram crédito concedido (por aproveitamento de estudos anteriores), os que não lograram frequência suficiente – sendo reprovados – e os que trancaram a disciplina. Em seguida converteu as médias das notas nessas disciplinas para as cinco categorias de menções da UnB: 0 a 1 = inferior/inferior; 1,1 a 2 = médio inferior; 2,1 a 3 = médio/médio; 3,1 a 4 = médio superior; 4,1 a 5 = superior/superior. Apurando os resultados, separadamente para cotistas não-cotistas, traçou o perfil das médias de desempenho no vestibular (argumentos finais) em função dessas cinco categorias de rendimento nas disciplinas.

Nos gráficos apresentados pela autora, as médias de desempenho no vestibular têm tendência ascendente à medida que se sucedem categorias de maior rendimento em disciplinas. Para alunos que ingressaram pelo sistema universal, a curva assemelha-se a uma parábola, na qual a partir do o ponto de inflexão, situado na categoria de menções médio superior (MS), diminui a taxa de crescimento das médias dos argumentos finais. Para cotistas, as médias crescem até as menções MI, caem um pouco até a categoria seguinte, MM, voltam a crescer e depois caem bastante entre MS e SS. Desses dados depreende-se que o vestibular seria bom preditor do rendimento na universidade para alunos do sistema universal, e algo pobre para cotistas, embora em ambas as curvas a tendência geral seja ascendente e tal conclusão não conste, explicitamente, dos breves resultados apresentados pela autora.

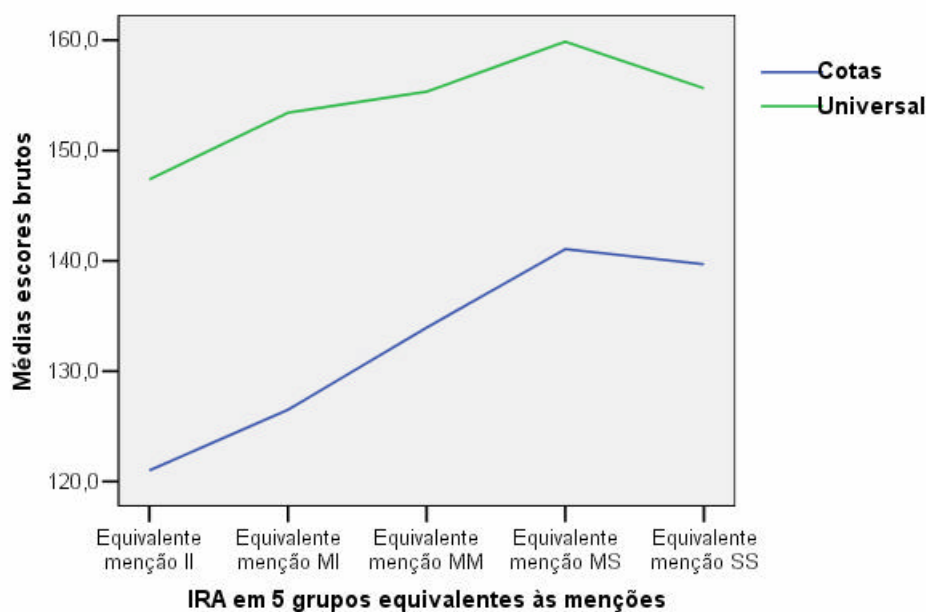
Procurou-se replicar de modo aproximado tais resultados, que foram obtidos pela autora com uma desejável depuração do IRA, utilizando os dados do índice de rendimento acadêmico disponíveis para a presente pesquisa. Para tanto, classificaram-se esses índices em cinco categorias análogas às da autora, um para cada menção da UnB, empregando-se os mesmos intervalos descritos em parágrafo anterior (maior que zero a 1 = inferior/inferior; 1,1 a 2 = médio inferior; etc.). Embora essas categorias não sejam integradas apenas pelas menções propriamente ditas, pois no IRA estas são ponderadas por outras variáveis (como se descreveu anteriormente), a replicação é procedente, pois desejava-se saber em que medida os resultados até então obtidos na presente pesquisa poderiam estar viesados em virtude de tal ponderação. Os resultados do gráfico 8 foram obtidos para as médias dos escores brutos em cada categoria de menção, em vez das médias dos argumentos finais, utilizados pela autora. O

¹⁶ Margarida M. M. Rodrigues, “Análise de dados dos vestibulares do segundo semestre de 2004 e primeiro semestre de 2005”, Brasília, UnB, s.d.

uso daquela variável, em vez desta, é ditado por motivo de simples conveniência, pois é aquela que até agora vem sendo empregada nos resultados anteriormente apresentados. Sua utilização não afeta a comparabilidade entre os dados de um e de outro estudo, pois a correlação entre essas duas variáveis, os argumentos finais e os escores brutos, é de 0,99;¹⁷ ambas portanto consistem, para todos os fins estatísticos, numa única e mesma variável.

Nos resultados apresentados no gráfico 8, as curvas têm semelhanças com as obtidas pela autora citada: médias de desempenho no vestibular tendem a ser mais elevadas enquanto aumentam as categorias de maior rendimento no curso, exceto para a categoria de menções SS, comparada à anterior. A tentativa de replicação indica que o vestibular geralmente seria um bom preditor do rendimento no curso, tal como aparentemente sugeriam os dados da autora para os alunos do universal, excetuando-se o caso das menções SS (como já ocorria com os cotistas naqueles dados).

Gráf. 8 - Escores e grupos equivalentes de menções dos aprovados, cotistas e não-cotistas



Entretanto, quando os dados foram desagregados em três grupos de prestígio, tal como anteriormente se fez no gráfico 7, desapareceu a singeleza das relações antes sugerida pelas grandes médias. Os gráficos 9.1, 9.2 e 9.3 ilustram esses novos panoramas, de certa forma surpreendentes, se considerado o anterior, retratado no gráfico 8.

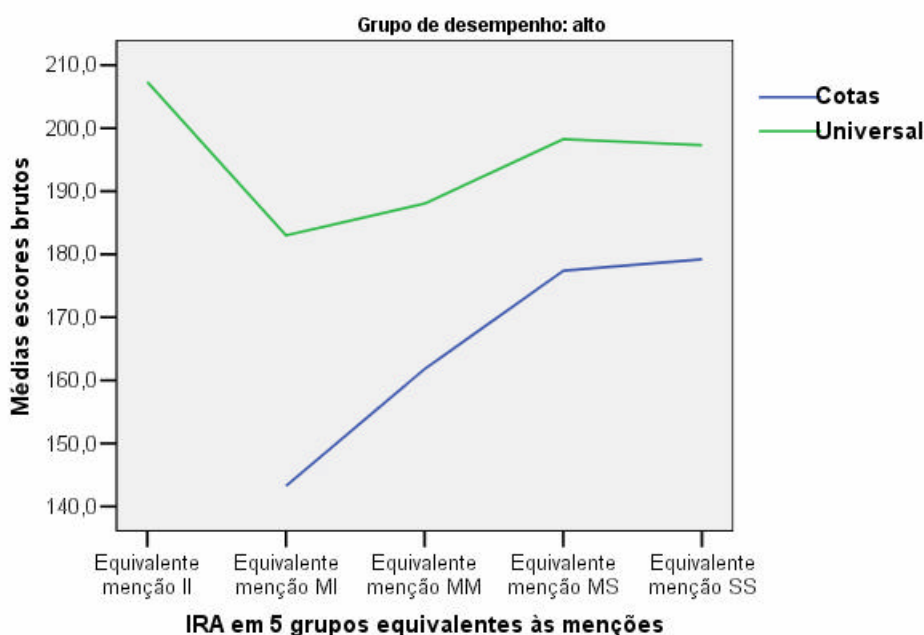
No grupo de cursos de elevado prestígio (gráfico 9.1), há uma nítida relação entre desempenho no vestibular e na universidade para estudantes cotistas, porém isso não se observa entre os aprovados pelo sistema universal. Para estes, registra-se uma associação

¹⁷ As correlações para as áreas de Humanidades, Ciências e Saúde são, respectivamente: 0,993; 0,991; 0,995.

positiva entre escores no vestibular e rendimento no curso somente no trecho de menções MI a MS.

No grupo de cursos de média competitividade, para cotistas o aproveitamento na universidade tende a ser aproximadamente comparável ao desempenho no concurso vestibular, mas isso não se verifica para alunos do universal (gráfico 9.2). Já nos cursos de baixo prestígio, os dados não indicam qualquer associação positiva entre as variáveis de interesse (gráfico 9.3). Ao contrário, a partir das menções MI, para os alunos do sistema universal, e de MM, para os cotistas, quanto melhor o candidato, pior o rendimento no curso.

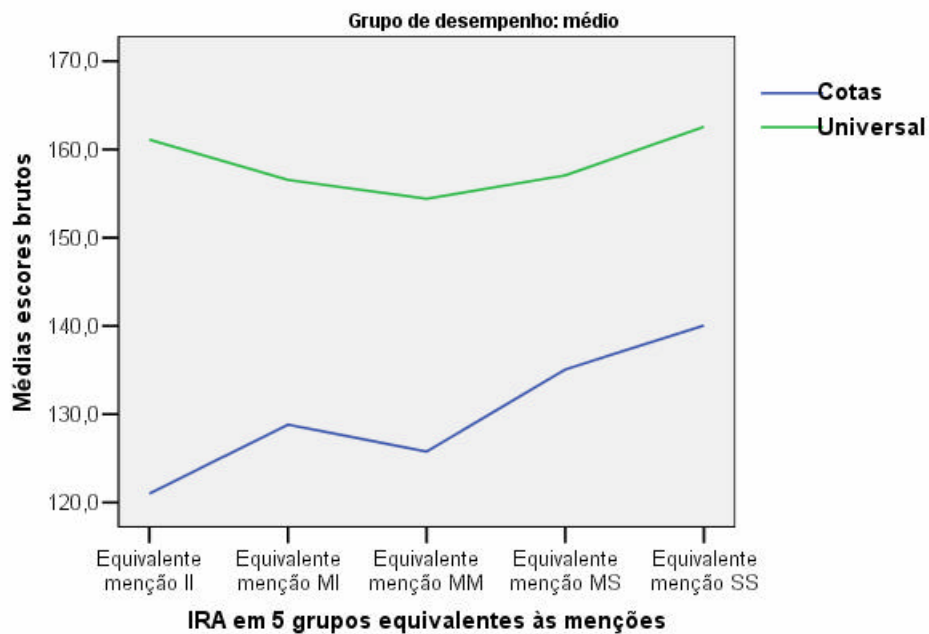
Gráf. 9.1 - Escores e grupos equivalentes de menções dos aprovados, cotistas e não-cotistas



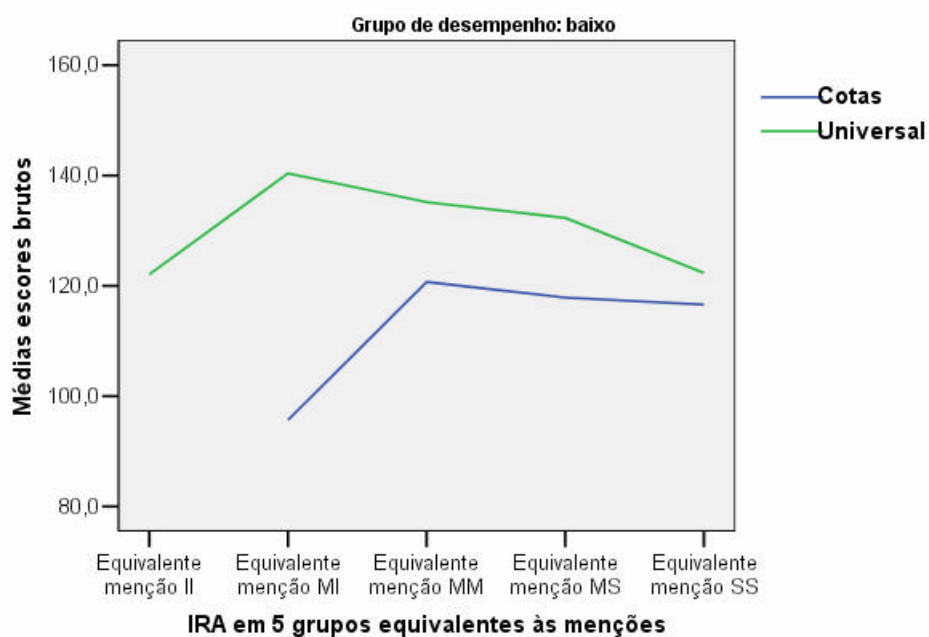
Nesse conjunto de gráficos por grupo de prestígio, não há resultados conclusivos quanto à relação entre desempenho no vestibular e rendimento na universidade, exceto para os cotistas dos cursos medianamente competitivos e, em parte para estes estudantes nos cursos de baixo prestígio.

Comparem-se esses dados com os apresentados no gráfico 8, para o conjunto de todos os cursos. Naqueles, o rendimento na universidade tendia a acompanhar suavemente os escores no vestibular, exceto para os melhores alunos; nestes, referentes dados desagregados por nível de prestígio dos cursos, geralmente há ausência de relações. Os resultados obtidos sugerem que as relações antes retratadas para o conjunto de todos os cursos, apresentadas no gráfico 8, se devia principalmente às propriedades estatísticas das médias que, achatando ou arredondando diferenças, mostravam graus de associação que não são observáveis em níveis mais desagregados de análise, aqueles que mais se aproximam da realidade que interessa conhecer de perto.

Gráf. 9.2 - Escores e grupos equivalentes de menções dos aprovados, cotistas e não-cotistas



Gráf. 9.3 - Escores e grupos equivalentes de menções dos aprovados, cotistas e não-cotistas



Nota final

Neste estudo discutiram-se de aspectos do primeiro vestibular com cotas da UnB, comparando candidatos classificados e aprovados nos dois sistemas de ingresso, universal e cotas. Os resultados geralmente foram obtidos para as três áreas do conhecimento do vestibular – Humanidades, Ciências e Saúde – e para grupos de cursos conforme seus níveis de prestígio social.

Ao longo das três etapas do concurso – fase inicial, classificação e aprovação –, as diferenças de desempenho entre cotistas e não-cotistas exibiram um movimento pendular em todas as três áreas. Os resultados mostraram que na fase inicial, em que concorriam 25 mil candidatos, o preparo dos cotistas para o concurso era bem menor que o dos demais; já na fase seguinte, com 15 mil classificados, as diferenças diminuíram expressivamente. Os dados de renda média familiar, atribuídos segundo o local de residência, sugeriram que nessa passagem entre uma fase e outra operaram variáveis socioeconômicas, além da cor da pele propriamente dita. Na fase final, a da aprovação, as diferenças de rendimento aumentaram um pouco, indicando o efeito das cotas para ingresso na universidade, maior na área de Ciências.

Em estudo anterior, as informações socioeconômicas então disponíveis sugeriam que os cotistas aprovados constituiriam uma segunda elite universitária, que embora não tivessem o mesmo perfil dos que ingressaram pelo sistema universal de todo modo seriam uma elite social. Os dados de renda média familiar confirmaram, com mais segurança, expressivas diferenças entre os dois segmentos, cotistas e não-cotistas. Na maioria dos grupos de cursos, os estudantes que ingressaram pelo sistema universal têm renda média familiar entre 20% e 60% mais elevada que os alunos cotistas. Em cada área, as menores distâncias foram encontradas nos cursos mais competitivos, sendo que na Medicina elas sequer alcançaram 5%; em seu conjunto, as diferenças sugeriram que fatores sociais no acesso à universidade, mesmo num vestibular com cotas, têm efeitos mais intensos nos cursos de maior prestígio.

Entre os aprovados na UnB, a performance nos estudos universitários foi analisada a partir do índice de rendimento acadêmico (IRA), que ao ser calculado pela universidade baseia-se nas notas obtidas nas disciplinas, ponderadas pelos créditos obtidos e por outras variáveis. Essas ponderações, além da diversidade de formas e critérios de avaliação entre disciplinas diversas, limitam muito a comparabilidade do índice; ademais, o IRA empregado se refere apenas ao primeiro semestre de estudos na universidade, quando seria desejável que abrangesse um período algo mais longo. Os resultados obtidos com o IRA, portanto, têm caráter mais sugestivo que indicativo. Constatou-se que os cotistas geralmente têm rendimento inferior ao de não-cotistas, tal como havia sido observado anteriormente para o desempenho dos candidatos ao vestibular. De outra parte, registrou-se também que em todos os grupos de cursos há estudantes negros com elevado rendimento, e que na maioria desses grupos entre 1/3 e quase metade dos cotistas se situaram na categoria de IRA elevado, atingindo excepcionais 70% na Medicina. No conjunto de todos os alunos que ingressaram pelo sistema de cotas, 37% tiveram alto rendimento no curso, isto é, situaram-se na metade superior da distribuição do IRA em seus respectivos cursos, ao lado dos melhores estudantes aprovados no sistema universal. Esses números parecem dissipar conhecidos temores de que a adoção do sistema de cotas para negros ira rebaixar o padrão acadêmico da universidade.

Na etapa seguinte do estudo comparou-se o desempenho no concurso com o rendimento nos cursos em que se matricularam os aprovados. A análise foi efetuada considerando tão somente os alunos que tiveram alto desempenho no vestibular. Na área de Ciências, entre 60% e 70% dos estudantes também lograram bom rendimento nas disciplinas, indicando que nesta área o vestibular oferece um prognóstico entre razoável e satisfatório da futura performance na universidade. Noutras áreas, isso não se verificou na maioria dos grupos de prestígio; nestes, entre os alunos com bom desempenho no concurso, apenas metade ou pouco mais também tiveram boa performance no curso, ou seja, é como se a performance decorresse do acaso e não de seus escores nos exames de ingresso. Portanto, exceto na área de Ciências, os dados geralmente não creditariam ao vestibular uma satisfatória capacidade preditiva, merecendo ter seu desenho aprimorado.

Quando foram comparados os alunos do sistema universal e os do sistema de cotas, esperava-se que um padrão distinto se desenhasse. Afinal, enquanto informações de outras fontes davam conta de que 40% dos estudantes negros teriam ingressado na UnB mesmo sem o sistema de cotas, os dados da pesquisa haviam mostrado que 37% deles tiveram alto rendimento no curso, ambos sinalizando para uma interessante e esperada associação.

A análise que foi efetuada novamente incluiu apenas os alunos que tiveram alto desempenho no vestibular. Os dados para os cotistas mostraram que aquela esperada associação ocorria apenas nos cursos de baixo prestígio, e ainda assim de forma moderada: entre os estudantes negros desses cursos, com elevado desempenho no vestibular, em torno de 60% tiveram bom rendimento na universidade. Já entre os alunos não-cotistas, índice parecido foi observado nos cursos de médio e elevado prestígio. Em suma, considerando-se os três grupos de prestígio, e os dois segmentos analisados – cotistas e não-cotistas –, em apenas metade das unidades de observação o concurso vestibular mostrou oferecer um razoável prognóstico da performance em disciplinas dos cursos universitários.

Em vestibulares sem cotas, realizados em instituições de bom padrão, com elevadas relações candidato/vaga, geralmente são estas que definem o ponto a partir do qual são separados os aprovados dos reprovados, e não propriamente o nível de preparo de cada pretendente aos estudos universitários. Nessas circunstâncias, boa parcela dos excluídos estaria apta para estudos superiores. Outra parte deles, sobretudo a dos eliminados em fase inicial, certamente não disporia de adequadas condições para seguir uma faculdade. Os concursos vestibulares seriam assim um bom instrumento de discriminação entre aptos e não-aptos no atacado, mas não necessariamente no varejo, quando fossem comparados os maiores e menores escores dos aprovados com seu rendimento nos cursos em que se matricularam. O vestibular com cotas da UnB teria introduzido alterações no cenário esboçado, mas a evidência quanto ao desempenho de estudantes negros no concurso, ao lado de seu perfil social – o de uma segunda elite universitária –, mostra que tais alterações não foram expressivas. Assim, os exames de ingresso com cotas para negros da UnB seriam também um bom instrumento para efetuar triagens no plano do conjunto de candidatos, porém com baixa capacidade para prognosticar o rendimento acadêmico em estudos superiores.

Dados de outras fontes, no entanto, aparentemente sugeriram o contrário. Um estudo que sobre o mesmo vestibular tratado na presente pesquisa, adequadamente depurou dados do rendimento acadêmico, considerando notas originalmente obtidas, sem qualquer ponderação. Agrupando as médias das notas em cinco categorias, equivalentes às das menções da universidade, comparou-as ao desempenho no vestibular de cotistas e não-cotistas no conjunto de todas as áreas. Entre os estudantes que ingressaram pelo sistema universal, o vestibular revelou-se um bom preditor do rendimento no curso; já para os cotistas, um prognóstico abaixo do razoável – embora essas interpretações não constem explicitamente das conclusões do estudo. Replicou-se este estudo com os dados do IRA que foram utilizados na presente pesquisa. Os resultados da replicação inicialmente apresentaram semelhanças com os anteriores mas, quando foram desagregados por grupos de prestígio dos cursos, na maior parte dos casos perderam a singeleza de relações antes evidenciadas para o conjunto; sugeriram que a limpidez de eventuais associações anteriores se devia ao tratamento agregado das informações, nível que se distancia bastante da realidade que se deseja conhecer.

De todo modo, independentemente de apreciações quanto à capacidade preditiva do vestibular, os dados confirmaram um ponto de partida da análise, qual seja o de que o concurso com cotas constitui uma democratização positiva – porém marginal – do acesso de estudantes negros à universidade. Num outro plano de considerações, uma relevante implicação dos resultados diz respeito ao apoio da universidade fornecido a estudantes. A UnB vem se empenhando em oferecer variados tipos de apoio a alunos de nível socioeconômico mais baixo. Para a maioria dos alunos cotistas que vem tendo rendimento menor em seus cursos, parece ser indispensável que se ofereça também assistência acadêmica suplementar, a fim que o sistema recentemente implantado possa ter o pretendido êxito.